



Que os façamos ouvir

Hagamos que escuchen

Let us make them listen

Ana Luiza Tanno / Marina Barros Ferreira / Victor M. Weber

(Graduandos em jornalismo UFG)

E-mails: analuizatanno@gmail.com, zocabecachan@gmail.com, victor.mweber@gmail.com

Ana Paula de Castro Neves

(Mestra e doutoranda em Direitos Humanos - Universidade Federal de Goiás – UFG)

E-mail: apcastro_1@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1843515579451480>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3308-9115>

Recebido em: 15/12/2019

Aceito em: 17/12/2021

Publicado pela primeira vez na Editora Siglo XX, em 1977 no México, “ Se me deixam falar”, livro relato de Domitila Barrios, transcrito e organizado por Moema Viezzer, socióloga brasileira, foi publicado no Brasil em 1978, sendo traduzido do espanhol por Edmilson Bizelli que, junto com a autora, decidiram por manter expressões e palavras comuns à Domitila e que fazem parte tanto de sua narrativa quanto das pessoas que compartilham sua história, as quais ela narra.

Moema conheceu Domitila na Tribuna do Ano Internacional da Mulher no México, em 1975. Esposa de um trabalhador da mina Siglo XX, sempre passou por privações, e viveu em meio à injustiça social, logo se dando conta do quando o trabalhador comum é explorado em seu país.

“Se me deixam falar” conta, para além da narrativa de Domitila, uma história que ainda não terminou. Líder sindical, mãe e também filha e esposa de mineiros, Domitila diz sobre sua vida na Siglo XX, uma mineradora estatal onde as condições de vida dos operários são mais do que insalubres, são desumanas. Desde casas de dois cômodos que são emprestadas aos funcionários, sem nunca se tornarem sua propriedade, e abrigam mais de nove pessoas, até filas que duram dias para conseguir alimentos como carne, arroz além de leite, um luxo para finais de semana.

A luta sindical se faz presente, e é um dos elementos mais importantes. Essa foi a herança que seu pai, líder sindical, deixou para a filha. E dessas experiências, Domitila recebeu



e fortaleceu seus ideais, tornando-se uma líder respeitada por seus pares, mas também perseguida pelo governo. Domitila narra estas lutas das quais fez parte, contra um sistema de governo que não apoia o trabalhador e massacra suas reivindicações. Além de diversas greves com fortes represálias, a líder sindicalista ainda lutou pelo espaço das mulheres dentro dos sindicatos, com suas próprias ideias e vozes, sendo por duas vezes presa e brutalmente torturada pelo governo boliviano.

Quando pode, em uma das poucas vezes, por convite, falar abertamente sobre sua realidade encontrou obstáculos diferentes dos de seu país. Em uma Assembléia Internacional da Mulher organizada pelas Nações Unidas e realizada no México, em 1975, onde o feminismo em debate era outro, ela teve de se fazer ouvida ao relatar de que forma as mulheres latino americanas lutavam por seu espaço, mas antes de tudo, por direitos considerados base para a sobrevivência.

Os seus relatos trazem a dor e a perspectiva de uma mulher que nunca se calou, e também nunca deixou de mostrar aos seus pares o poder de uma voz em meio à multidão. Em um contexto onde grande parte das leituras a respeito de um passado que nos é comum - latino americano- vem daqueles que estavam - e muitas vezes ainda estão! - em poder, essa é uma leitura única, no sentido de que traz uma narrativa feminina e da classe trabalhadora.

O relato, em primeira pessoa está dividido em três partes: "Seu Povo", "Sua Vida" e "O que Clama Meu Povo". Ao fim, segue uma entrevista de Domitila para Moema, sobre a publicação do livro. Do início ao fim, Domitila descreve o ambiente em que vive, os terríveis abusos cometidos pelo governo de seu país, pelo exército, e pelo próprio sistema capitalista, que causa a exploração incessante dos trabalhadores. Domitila é socialista. Ela recorre a alguns fatos históricos para nos falar de seu mundo, este que só dispõe uma vida sofrida, uma luta por dignidade. Mudanças de governo, golpes de estado, guerrilhas. Ataques armados, repressão, censura, prisões injustificadas, ameaças, tortura. Qualquer semelhança com nossa ditadura militar é pura realidade.

Se você se interessa por causas sociais; se está atento às atitudes autoritárias de governos que se dizem democráticos; se critica o imperialismo, a busca exagerada pelo lucro, esta é uma leitura necessária. Caso contrário, pare já. Trata-se de uma história real, que recorta um cotidiano triste, desolador. Aqui não há nada de extraordinário ou fantástico, e nem esperança de um final feliz. O que se vê, até as últimas páginas é uma realidade brusca e cruel, pontuada por curtas passagens de otimismo e esperança, que logo se desfazem diante da força repressora daqueles no poder.

Vale lembrar que a própria Domitila diz que sua história é apenas sua, e que não pretende representar de forma qualitativa todo um povo e que a sua luta é politizada mas não política, e se trata de uma visão da realidade que foi se concretizando a partir de suas vivências e leituras. Por que não, então, como latino americanos ler sobre nossa história, de um ponto de vista muitas vezes esquecido nas narrativas históricas. Que possamos fazer com que Domitila fale, e fale as massas, e que diga o que tem que dizer. Que o nosso papel seja de fazê-la ser ouvida. Que ela não precise mais pedir espaço para falar, mas que os façamos ouvir o que ela tem a dizer.



Referência bibliográfica:

VIEZZER, Moema. *Se me deixam falar*. 5. ed. São Paulo: Símbolo, 1979. 305 p.